

## APRESENTAÇÃO

### EDIÇÃO DE ALFREDO CAMARATE

Os cultores da história de Minas têm valorizado devidamente a contribuição de estrangeiros para o conhecimento do passado e do presente. Se alguns realizaram obra historiográfica, outros fizeram descrições da realidade que conheceram ou depoimentos sobre ela: se passíveis de crítica, por conterem às vezes generalizações apressadas, observações imperfeitas, fruto de uma viagem rápida ou de ligeiro convívio com a paisagem física e humana, todos têm significado e valor. É que o País visto por outros olhos tem sempre interesse, ainda que em retratos incorretos, pois a própria incorreção pode ser expressiva. Por que se cometeu esse equívoco e não outro, por que certos aspectos despertam mais a atenção?

É enorme a dívida mineira com viajantes que descreveram quanto viram ou deram testemunho do que mais causou impressão. Para citar só um nome, lembre-se o francês Auguste Saint Hilaire, que passou longas temporadas em território mineiro, percorrendo-o em mais de um sentido, estudando principalmente sua flora e fauna, sobre as quais escreveu com erudição e ciência, enriquecendo quanto se sabia sobre elas, como eminente cientista que era, ou sobre a natureza física, o povo e suas múltiplas atividades culturais, depondo com simpatia e inteligência, informando de seu passado, presente e até de perspectivas futuras. É o maior de todos. Vários estrangeiros depuseram no século passado e no atual.

Curiosa figura que deve ser lembrada é a de Alfredo Camarate, português que por Belo Horizonte andou quando a cidade começava a ser construída, ainda não inaugurada, em 1894. Os trabalhos de preparo do antigo Curral del-Rei apenas começavam. A Comissão Construtora nos primeiros passos, a aventura tinha interesse para um homem empreendedor como era o lisboeta. Vivendo pouco tempo na nova terra, observou-a com atenção e certo carinho e sobre ela depôs em uma série de artigos — melhor chamá-los de crônicas — no jornal *Minas Gerais*, então em seus primeiros passos, ainda em Ouro Preto. O jornal acolheu

a colaboração espontânea do irrequieto viajante e homem de iniciativas. E foi um bem para ele e para os estudiosos, que têm assim o retrato do que foi Belo Horizonte em fase de instalação, com subsídios para entendimento da paisagem, sua gente, costumes, qualidades e defeitos.

A obra ficaria talvez desconhecida se para ela não chamasse a atenção o escritor Eduardo Frieiro: jornalista do *Minas Gerais* durante muitos anos, precisava recorrer às suas páginas antigas. Cultor da literatura, deve ter visto as crônicas publicadas por um tal de Alfredo Riancho. Leu-as com o entusiasmo ou a curiosidade que todo texto lhe despertava, percebendo tratar-se de matéria de qualidade, além de servir como fonte informativa. Citou-o várias vezes em seus inúmeros e notáveis artigos, dedicando-lhe mesmo atenção especial mais de uma vez. A mais extensa, por certo, foi transformada em estudo, publicado em 1965, em *KRITERION*, revista da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, dirigida por ele durante longo tempo.

O crítico mineiro dá aí algumas informações sobre Alfredo Camarate: nasceu em Lisboa, em 1840; veio para o Brasil aos 32 anos, permanecendo até o falecimento, aos 64 anos. Era engenheiro-arquiteto e tinha formação musical: tocava flauta e foi crítico de música no *Jornal do Comércio* do Rio; compôs peças para piano. Além de crítico, escreveu em outros jornais do Rio, Buenos Aires, São Paulo, Ouro Preto e Sabará, com vários pseudônimos. No *Minas Gerais* usou o de Alfredo Riancho. Eduardo Frieiro dá-lhe o título de primeiro cronista de Belo Horizonte. Informa ainda que morreu em São Paulo, pobre, em 1904.

Camarate falava diversas línguas, gostava de escrever e tinha mesmo certa graça, como se lê na colaboração no *Órgão Oficial* de 1894. Foi encarregado de trabalhos de arquitetura e construção na nova capital. Chega aí cedo, com os homens da comissão construtora. Morou inicialmente em Sabará, de onde vinha em lombo de animal até Curral del-Rei. Não se sabe que motivos teriam levado esse português a vir para o interior de Minas. Só para ganhar dinheiro? Sua vida terá sido aventureira, de muitas viagens. Não são bem conhecidos os pormenores de sua trajetória: sabe-se que estudou na Inglaterra, esteve na Irlanda, viajou muito. Outras informações são encontradas nas crônicas sobre Belo Horizonte, sob o título "Por montes e vales".

É com prazer que se faz a leitura dessas páginas. O estilo é agradável, o autor é bem humorado e sabe narrar as coisas. A linguagem em geral é correta, os equívocos são eventuais. Descreve as andanças de Sabará a Belo Horizonte, às vezes com no-

tícias valiosas. Assim é que fala de sua surpresa, quando, numa encosta, "o viajante fica de repente surpreendido, pelo súbito aparecimento de um grande edifício, modesto, mas prático nas linhas arquitetônicas, denotando extremado asseio e relativo conforto. É a fábrica de tecidos de Marzagão; em que uma poderosa turbina de movimento a cem teares, que fabricam magníficas casimiras mineiras e que, como quase todas as fábricas de tecidos do Estado de Minas, têm dado bons dividendos".

Alfredo Riancho/Camarate fala com freqüência de suas viagens. Exaltando a beleza do caminho de Sabará a Belo Horizonte, lembra: "e eu que tenho longa prática de viajar pelas charnecas e lezírias de Ribatejo..." Ao longo do escrito, fala de coisas que viu em Moçambique, em Lisboa, Paris, sul da Itália, Espanha, Portugal. A entrada de Belo Horizonte parece-lhe "com alguns caminhos de certas povoações da África Ocidental". Quando aqui chega, exclama, convencionalmente: "um belo horizonte, na realidade". Confessa que em viagem não gosta de seguir os conselhos dos *Guias e Itinerários*, pois prefere o acaso e o imprevisto: "em Belo Horizonte tenho feito sempre o que fiz em todos os pontos que tenho visitado: sigo pelas ruas, travessas e praças ao acaso, colhendo, na inesperada variedade de episódios que o acaso me proporciona, muito melhor e proveitoso ensinamento". Nota que a localidade não se preparou para receber os visitantes ou os que têm de trabalhar na construção.

Camarate faz observações freqüentes sobre estilos e construções, denunciando o arquiteto que é. Como é comum na época, não ama o barroco — estilo que será valorizado talvez até em excessos alguns decênios depois, como se dá ainda hoje. A matriz no centro da povoação "tem uma fachada de estilo barroco; mas representa um mau exemplar desse mau estilo de que Minas possui edifícios notáveis..." Afinal, a igreja não é má: "vista de lado, tem boas linhas e o conjunto dos telhados denota que o arquiteto sabia bem do riscado". A propósito das pinturas, supõe que sejam más e dá a razão: "digo, suponho porque a sanha e vandalismo dos restauradores foi tão grande, nos princípios deste século (...), que é muito possível que, por debaixo daquelas pastadas infrenes dos restauradores, haja obras-primas dos pintores; fato que se dá particularmente em Mariana, Ouro Preto e em outras localidades deste Estado". Acha notáveis as obras de talha e julga que o edifício é de 1788, data que aparece em duas portas. Conhecedor de música, observa o canto, as vozes e os coros das igrejas e festas, elogiando a qualidade de alguns intérpretes. Já as pessoas lhe parecem feias e doentias.

Com alto sentido de paisagem e do patrimônio histórico, lamenta que os pintores não tenham se dedicado a fixar a localidade, tal como se encontra: "contudo, parece-me que seria coisa para tentar; para que, nos arquivos da municipalidade futura (...) ficasse uma recordação do que era Belo Horizonte antes de se começar a cortar e a construir a nova capital..." Tratando da cerâmica de Caeté, escreve: "fábricas bem dirigidas poderão aumentar-lhe as perfeições (...); mas se a esses melhoramentos não presidir um homem que tenha o sentimento estético bem desenvolvido, o espírito respeitador dos traços e feições originais, as futuras fábricas de louça de Caeté poderão produzir louças tão belas como as de Sèvres, de Saxe ou de Limoges, mas o protótipo de louça de Caeté desaparecerá. (...) Enquanto a mim que, adorando os progressos da indústria, nunca deixo de protestar quando eles invadem o característico do tipo artístico primitivo..." Na louça de Caeté, "ama os pratos de suave cor de camurça, com os seus polícromos e ingênuos ornamentos feitos à mão, com esse encanto da sinceridade artística que denotam os despreziosos fabricantes..." Jornalista, Camarate se diz "ínfimo jornalista". E mais: "confesso que seria o mais desajeitado repórter deste mundo. A especialidade não se coaduna com o meu caráter discreto e desabelhado".

Cronista, fala do arquiteto José de Magalhães, que tanto fez no Rio e em Belo Horizonte, do pintor Emílio Rouède, que tanto fixou e pintou Belo Horizonte. Tem notícia de famosos economistas de então, como Jean Baptiste Say e Leroy-Beaulieu, muito em voga no Brasil. Houve o levantamento de uma estação da Central, traçada pelo arquiteto José de Magalhães, um "triângulo curvilíneo". Construção notável, a localidade receberia o nome de General Carneiro. Na sua edificação, ganhou a concorrência a firma comercial Edwards, Soucasseaux e Camarate, dos quais dá leve e divertida notícia a página de 12 de agosto de 1894, na qual Camarate faz o auto-retrato. E dizer que essa estação, que seduziu os seus idealizadores e realizadores e centenas de milhares de pessoas que por ela passaram, como os meninos que até há poucos anos faziam excursões de Belo Horizonte a Sabará, foi destruída sem qualquer necessidade pelo vandalismo de outros empreiteiros, como aqueles que eram censurados pelo juízo de Camarate...

O cronista dá notícia de festas, cultos religiosos. A cidade vai crescendo, fala de suas novas obras. A capacidade de ver e julgar do jornalista é valorizada com sua formação de arquiteto e músico, revelando-se observador seguro do visual e do auditivo. Em uma de suas últimas páginas, escreve: "há cerca de um ano e meio que estudo e convivo com o povo mineiro..." E fala de

seus defeitos e sobretudo de "qualidades notáveis, tão características, tão originais, que fazem dele como um povo a parte, como se fora constituído por uma argamassa especial, que o torna diferente de todo o resto dos brasileiros". Como síntese de depoimento, escreve no dia 25 de outubro sobre a estranheza que os hábitos e modos mineiros lhe causaram, como antes estranhara irlandeses, espanhóis e outros, mas depois se acostumou e passou mesmo a admirá-los, compreendendo-os devidamente.

Camarate então já está íntimo do mineiro e da cidade que vê nascer. Não se sente ainda de todo mineiro, contudo. Viria a sentir-se, caso permanecesse mais tempo? Chega até a tratar, com bastante graça, do escorpião, "um bicho todo anelado e retorcido". A espécie seria comum na cidade, marcando-a até há alguns anos. Não há belo-horizontino de mais de vinte ou trinta anos que não a tenha conhecido, sendo que muitos foram até suas vítimas. E houve centenas de vítimas fatais, que o escorpião matava, e muito. É grato, para um belo-horizontino, ver alguém falar de como o parque foi planejado e feito, das esperanças postas nessa imensa área verde. Com certo desalento, no entanto, verifica que o mesmo entusiasmo já não pode ser o manifestado pelo cronista no dia 18 de novembro de 1894, pois o parque foi deformado, mutilado, diminuído. Alguns prefeitos que infelicitaram a cidade só não o lotearam pela falta de apoio à idéia, que a idéia já apareceu algumas vezes.

Eduardo Frieiro lendo os textos de Alfredo Camarate julgou que deviam ser editados, pelo alto interesse para a história de Belo Horizonte: "cabe à prefeitura da cidade fazê-lo. Fora do alcance da picareta dos empreiteiros de demolições, o livro seria por certo um monumento mais duradouro do que a malaventurada estação de General Carneiro, que teve em Camarate um de seus construtores. Note-se, ainda, que não há em Belo Horizonte uma rua que recorde a personalidade de Alfredo Camarate, quando tantos nomes insignificantes estão ligados a logradouros públicos da cidade".

O pedido de Eduardo Frieiro é afinal atendido, alguns anos depois. Não coube à Prefeitura editar o texto quase desconhecido, mas ao Arquivo Público Mineiro, em sua preciosa *Revista*. A sen-

sibilidade histórica e artística de sua direção põe assim ao alcance do público um depoimento admirável sobre a capital nascente em 1894. A sugestão foi considerada, editando-se as 54 crônicas. A queixa de que não havia rua na cidade com o nome do jornalista não sei se já foi atendida. Parece que não, pois no catálogo de endereços nada consta. Algum vereador poderia atentar para a falta, prestando ao português que aqui viveu algum tempo, como cinquentão tranqüilo, simpático à cidade, a merecida homenagem. Já existe a principal, que é a edição de suas crônicas, que o Arquivo Público Mineiro oferece agora, para deleite e proveito de quantos amam Belo Horizonte.

*Francisco Iglésias*

## ALFREDO CAMARATE E A NOVA CAPITAL MINEIRA

*Eduardo Frieiro*

O nome de Alfredo Camarate não diz nada ao leitor de hoje. Foi entretanto o de um talentoso jornalista e crítico musical, muito conhecido e festejado nas três últimas décadas do século passado e primeiros anos do atual. Na obra de Abílio Barreto, *Belo Horizonte; Memória histórica e descritiva*, é Camarate lembrado em algumas páginas, já como jornalista, já como arquiteto e construtor, na ocasião de sua vinda para a nascente nova capital mineira, em 1894, com os engenheiros, arquitetos, empreiteiros e operários que iniciaram a construção da metrópole em projeto, alguma coisa assim como a Brasília daquele fim de século.

Américo Pereira, em sua obra *O maestro Francisco Vale* (que se recomenda à atenção dos musicistas brasileiros e sobretudo mineiros), consigna em nota, com a devida precisão, os principais traços biográficos de Camarate, a quem designa como "o fundador da crítica musical no Brasil".

Nascido em Lisboa, em 1840, Alfredo Camarate emigrou para o Brasil aos 32 anos de idade e aqui viveu até seu falecimento aos 64 anos. Trouxera da terra natal uma carta de engenheiro-arquiteto e um primeiro prêmio de flauta pelo Conservatório Real da capital portuguesa. Fixando-se no Rio de Janeiro, tornou-se brasileiro de coração, exerceu o cargo de inspetor do Conservatório Imperial de Música e foi, durante muitos anos, o crítico musical e artístico do *Jornal do Comércio*. Escreveu copiosamente na imprensa do Rio e de São Paulo e colaborou em jornais de Buenos Aires, Ouro Preto e Sabará, versando assuntos de educação, arte, viagens etc. Traduziu livros e deixou composições musicais para piano.

Homem viajado e culto, espírito versátil, conhecia vários idiomas e escrevia o nosso com desenvoltura e graça. Firmava seus escritos de imprensa com diferentes pseudônimos e, mais comumente, com o de Alfredo Riancho, sendo este um dos so-